

Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
CAPÍTULO 2	13
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
CAPÍTULO 3	28
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
CAPÍTULO 4	45
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
CAPÍTULO 5	54
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
CAPÍTULO 6	65
LGBTTIFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
CAPÍTULO 7	76
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

CAPÍTULO 8	85
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
CAPÍTULO 9	95
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
CAPÍTULO 10	108
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
CAPÍTULO 11	123
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
CAPÍTULO 12	133
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
CAPÍTULO 13	146
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
CAPÍTULO 14	154
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

CAPÍTULO 15	166
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
Marcelo Pereira Souza Marcelo Alário Ennes Alessandra Rodeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250615	
CAPÍTULO 16	182
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
Isabela Magalhães Bosi	
DOI 10.22533/at.ed.25219250616	
CAPÍTULO 17	188
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.25219250617	
CAPÍTULO 18	205
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
Raniery Silva Guedes de Araujo Karla Estelita Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.25219250618	
CAPÍTULO 19	212
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
Paulo Sérgio de Proença	
DOI 10.22533/at.ed.25219250619	
CAPÍTULO 20	225
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
Marcos Silva da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250620	
SOBRE O ORGANIZADOR	238

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA

Andréa Mazurok Schactae

Instituto Federal do Paraná

Telêmaco Borba, Paraná

RESUMO: Um modelo de masculinidade caracterizado por práticas, valores e relações que identificam um ideal de masculinidade, que varia em relação ao tempo e aos espaços sociais. A característica central do conceito de masculinidade hegemônica, afirma Robert Connell (2005), é a pluralidade de masculinidades e a hierarquia de gênero – estabelecida entre as masculinidades e entre um modelo de masculinidade e outro de feminilidade. Sendo assim, as relações que se estabelecem entre o modelo hegemônico de masculinidade, identificador da identidade nacional, e as outras masculinidades e as feminilidades são caracterizadas pela subordinação e pela marginalização. Na América Latina observa-se que os heróis tendem a ser vinculados ao espaço da guerra, e com o objeto de realizar um estudo sobre a construção do herói nacional e de um ideal de masculinidade, será proposto um estudo que analisa a construção do herói Che. Para esse estudo serão analisadas as imagens fotográficas e os textos que apresentam Ernesto Che Guevara – publicados na Revista Bohemia, em outubro de 1967. Nessa análise parte de uma articulação entre

história política e gênero, dialogando com a utilização de biografia e imagens como fontes. Desta forma, esse texto é a apresentação dessa proposta dessa pesquisa, que terá como base teórica J. Scott (1995), P. Bourdieu (1998; 2007), B. Anderson (2011), F. Dosse (2009), R. Remond (2003) e B. Kossoy (2001).

INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO CUBANA COMO UM ESPAÇO DE HOMENS

Entre os primeiros escritos sobre a Revolução Cubana, que apresentaram um olhar sobre o processo de luta armada, iniciado em 1953 e concluído em 1959, destacam-se os textos do médico e guerrilheiro, Ernesto Guevara. Vale destacar, que foi neste processo revolucionário que ele se tornou um guerrilheiro e assumiu o nome de Ernesto Che Guevara. Os seus textos: “Uma história da Revolução Cubana”, publicado na Revista O Cruzeiro, no Brasil, em 1959 (GUEVARA, 1959); e “O socialismo e o homem em Cuba”, publicado em 1965, no Uruguai (GUEVARA, 1965), podem ser identificadas como marcos na definição da Revolução Cubana como um processo marcado pela atuação de homens, no espaço da guerra e da política. Esses textos também contribuíram

para a projeção internacional desse acontecimento que marca a história política do século XX. Nos dois textos o autor destaca a luta armada e os líderes homens como centrais na construção o projeto político revolucionário em Cuba.

Voltando primeiramente o olhar para o texto publicado em 1959, observa-se que Ernesto Guevara, silencia-se com relação à existência de um movimento urbano – também identificado como clandestinidade, no qual atuaram inúmeras mulheres (RAMÍREZ CHICHARRO, 2016) –, bem como a participação das mulheres na guerrilha. A narrativa destaca a atuação de Fidel Castro e dos homens guerrilheiros. Sendo assim, é possível identificar esse texto como um dos fundadores do mito da Revolução Cubana como um movimento dos guerrilheiros e do Exército Rebelde, sendo o Exército Rebelde e os guerrilheiros os sujeitos da vitória (GUEVARA, 1959).

No texto de 1965, ele segue com essa construção discursiva, colocando o Estado, o Partido e os homens de vanguarda – os guerrilheiros –, como encarregados de educar o povo para o socialismo (GUEVARA, 1965). Ao afirmar que no dia 26 de julho de 1953, “um grupo de homens dirigidos por Fidel Castro atacou (...) o Quartel Moncada” (GUEVARA, 1965), Ernesto Guevara silenciou e invisibilizou a atuação de Haydée Santamaría e Melba Hernández, naquele acontecimento que é percebido como um marco no início da Revolução Cubana (SCHACTAE, 2013, p. 351). Portanto, em seus escritos a Revolução é apresentada como um espaço de homens que pegaram em armas para defender um projeto político.

Um o projeto que foi iniciando em Havana, no ano de 1952, com o ataque ao Quartel Moncada, de Santiago de Cuba, fato que é percebido como o início do processo revolucionário cubano. Todavia, várias mulheres estiveram envolvidas no processo, entre as quais estão: Elda Pérez, que participou das reuniões do grupo na casa Melba; Elena Hernández, mãe de Melba, que estava encarregada de receber as armas e uniformes; Delia Terry, Elita Dubois e Naty Revuelta que confeccionaram uniformes. Na ação armada, em Santiago de Cuba, estiveram presentes Haydée e Melba, designadas para as tarefas de levarem as armas de Havana até Santiago de Cuba e participarem do ataque (ILISÁSTIGUI; ALVAREZ, 2005).

Sendo assim, ele apresenta uma interpretação da Revolução na qual os sujeitos que a construíram e a legitimam são os homens e a guerrilha. Projetando uma leitura do passado cubano, na qual os líderes homens se constituem em guias e salvadores do povo, sendo que o líder que ganhou maior destaque foi Fidel Castro. Portanto, as armas, os guerrilheiros e a guerra representam o núcleo central, no olhar de Ernesto Guevara, para compreender o processo revolucionário e da vitória dos rebeldes.

Essa construção discursiva, sobre a Revolução Cubana, que silencia as mulheres e a clandestinidade (movimentos urbanos), tende a influenciar outras interpretações da Revolução. Todavia essa ideia sobre a Revolução Cubana resulta de uma herança cultural que constitui o Ocidente, e tende a colocar os homens, que representam um ideal de masculinidade, como centro dos processos históricos na América Latina. No século XIX estão os heróis das independências – Simon Bolívar, José Martín, entre

outros –, no início do século XX os heróis da Revolução Mexicana – Zapata e Villa – e também figuram nesse panteão, mesmo que de forma menos heróica, os presidentes Getulio Vargas e Juan Perón, no entanto todos representam um ideal de masculinidade e ocupam os espaços de poder político. Essa projeção de figuras masculinas como salvadores e guias, contribui para o esquecimento da atuação de outros homens e principalmente das mulheres, no espaço da guerra e de outros lugares da política. Esse ideal se caracteriza por um modelo de masculinidade hegemônica, apropriando-se do conceito R. Connell (1997; 2005).

Vale destacar que historicamente o Estado e as suas organizações de poder, são espaços ocupados por homens e os seus símbolos e suas práticas são identificadores de masculinidades. Os heróis tendem a serem homens que pertenceram a instituições armadas e participaram de conflitos armados, e são constituídos em símbolos identificadores do Estado. Assim como a farda e as armas, são construções simbólicas identificadoras dos Estados Nação e de uma masculinidade identificada pela guerra, pela força, pela coragem e pela honra. Essas construções constituem identidades de gênero, afirmando um “saber a respeito das diferenças sexuais” (SCOTT, 1994, p. 12) que é expresso em práticas, símbolos e leis que organizam e identificam o Estado e suas instituições.

Voltando o olhar para o Estado Cubano, duas publicações periódicas, publicadas pelo Estado, chamam a atenção: as revistas *Bohemia* e *Mujeres*¹. E ao folhear as revistas se verifica que nos anos de 1960 e 1970 é recorrente a presença de imagens que representam o guerreiro – seja ele militar ou guerrilheiro –, e elas são composta por objetos simbólicos como a vestimenta e a arma. Esses objetos remetem a características que historicamente foram incorporadas em corpos de homens e funcionam como reafirmadoras de uma identidade masculina, para a instituição e para seus membros, fundada na virilidade (COURBIN, 2013) e em um ideal de masculinidade hegemônica (CONNEL, 1997, 2005).

Vale destacar, que entre os heróis da Revolução Cubana, que influenciaram a internacionalização desse ideal masculino revolucionário, da América Latina, está o Ernesto Guevara. Ele assumiu a identidade de Che no decorrer da luta armada (1956-1959), que culminou na vitória do Exército Rebelde e no estabelecimento da Revolução Cubana. O nascimento do Che é parte da construção da Revolução Cubana e do processo de morte do homem real e nascimento do mito, que se tornou um símbolo do ideal de masculinidade em Cuba e para a esquerda Latino-Americana. E após a sua morte, em 1967, tornou-se um herói e símbolo da Revolução e uma referência de masculinidade-latina. O Che foi constituído em um processo de encarnação do

1 As Revistas estão disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional de Cuba e outras bibliotecas em Cuba. A Revista *Bohemia*, foi fundada em 1908, e é uma revista semana. Em 1959 passou a ser uma das vozes do Estado Cubano. A Revista *Mujeres*, é da Federación de Mujeres Cubanas (FMC), foi fundada em novembro de 1961, para ser um meio de comunicação da FMC. No ano de 2010 foram consultados acervos dessas revistas em Bibliotecas nas cidades de Holguín e Havana, no desenvolvimento do projeto Mulheres Guerreiras: identidades de gênero e a Revolução Cubana, dentro do programa CAPES/MES- CUBA, vinculado a Universidad Oscar Luceno Moya, de Holguín, e a Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

homem novo do socialismo, o qual é revolucionário-viril-heterossexual, e se projeta para além das fronteiras Cubanas.

Portanto, essa proposta de pesquisa tem como objetivo analisar o processo de construção do símbolo Che, pelo Estado Cubano, no final dos anos de 1960, como expressão de uma masculinidade para a Revolução Cubana, bem como, de uma masculinidade revolucionária socialista latino-americana. E para a construção dessa pesquisa serão analisadas as fotografias e os discursos da Revista Bohemia, de outubro de 1967 – edição especial dedicada ao Ernesto Che Guevara.

Vale destacar que, a Revista Bohemia (um periódico publicado semanalmente) se constituiu em um dos principais meios de comunicação e propaganda do Estado Cubano, após o ano de 1959. Portanto, utilização dessa fonte é fundamental para analisar o processo de construção desse ideal de masculinidade, o qual orientará a construção de subjetividades e políticas públicas, ao longo da década de 1970, em Cuba, bem como influenciou o socialismo Latino Americano.

A análise dessa fonte permite uma articulação entre história política (REMOND, 2003) e a categoria gênero (SCOTT, 1995), entendendo que os símbolos nacionais são discursos que orientam a construção das identidades coletivas e subjetivas. Ao se apresentarem como imutáveis, as identidades coletivas ou comunidades imaginadas (ANDERSON, 2011), tendem a influenciar na construção de políticas públicas e identidades subjetivas. Portanto, os estudos dos heróis nacionais – símbolos das comunidades imaginadas – lançam luz para compreender outras realidades sociais e subjetivas.

MASCULINIDADES, IDENTIDADES NACIONAIS E O HERÓI CHE

Ao construir uma narrativa biográfica sobre Ernesto Guevara, em 1967, provavelmente uma das primeiras biografias oficiais desse guerrilheiro, o Estado Cubano também iniciou um processo de construção do herói Che. Nesse processo de estabelecimento de uma trajetória os textos escritos e os textos fotografias se relacionam para dar sentido para a narrativa oficial. A fotografia é a objetivação da trajetória e contribui para a construção do mito Che.

Nesse processo de construção do mito, destaca-se uma fotografia, a qual foi construída por Alberto Korda, o fotógrafo da Revolução Cubana, no dia 5 de março de 1960. E em 1967 o fotógrafo presenteou um editor italiano com a foto do Che (DOMINGUES, 2008, p.71-72). E foi provavelmente esse ato que lançou essa imagem para além das fronteiras cubanas. Atualmente essa imagem ainda é recorrente na rede mundial de computadores, bem como, em diversos países, estampada em camisetas, chaveiros, canecas, etc. E é bem provável que muitos consumidores dessa imagem desconheçam que é o homem que ela representa.

Voltando o olhar para a revista Bohemia de 1967, observa-se que essa fotografia

aparece várias vezes, e considerando as várias fotografias que compõem a revista – nas quais figuram cartazes, painéis e espaços públicos –, essa foi a imagem selecionado pelo Estado Cubano para ser apresentadas nas homenagens ao herói assassinado na Bolívia. Portanto, a narrativa biográfica construtora do Che, é organizada a partir da relação entre duas formas de discurso, o escrito e o fotográfico.

A partir dessa constatação surgem algumas questões: quais são as fotografias do Ernesto Guevara e de Che Guevara que construíram a biografia fundadora do herói da Revolução Cubana, publicada na Revista Bohemia de 1967? Qual é o discurso presente nessas fotografias? Qual a relação entre o texto escrito e o texto imagético (fotografias)?

Entendendo que a Revista Bohemia, de 1967, é uma biografia que fundadora do herói Che, compartilhando das reflexões de François Dosse (2009), que destaca que desde a Antiguidade o gênero biográfico serviu para construir modelos, é pertinente compreender como imagens e textos se completam na produção de significado, em um contexto de definição de políticas socialistas em Cuba. E em um contexto internacional de expansão das ditaduras militares na América Latina e acirramento da guerra fria (HOBBSAMW, 1995). Portanto, utilizar como fontes biografias construídas por agentes de estado, permite reconhecer os valores, ou as maneiras de viver que devem inspirar e nortear o comportamento de homens e mulheres, bem como perceber significados transnacionais, que identificam traços de uma cultura ocidental, que é marcada por identidades nacionais marcadas pelos ideais de masculinidades.

A construção das identidades nacionais latino-americanas e as identidades das instituições armadas são reconstrutores de diferenças de gênero historicamente construídas, pois são identificadores de masculinidade(s). Para Luis Bonino (BONINO, 2002) há no ocidente um modelo de masculinidade hegemônica que se impõe sobre as outras masculinidades. Essa identificação de masculinidade é marcada um uma continuidade. Para ele as crises são apenas ajustes da masculinidade hegemônica e não indicam rupturas, pois ela se mantém como dominante e independente, subordinando outras masculinidades e as feminilidades. Segundo o autor as características que representam a definição de masculinidade hegemônica são a independência (individualidade, autonomia, egocentrismo, poder, etc.), o domínio (combate, luta, heroísmo), a hierarquia (liderança, obediência, disciplina, lealdade, sacrifício, etc.) e a heterossexualidade. Esses valores, que significam o que é ser homem, segundo ele, estão presentes no imaginário social.

Para compreender a construção desse herói Latino-Americano, Che Guevara, a biografia será utilizada como fonte para a história, pois “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2009, p. 11). Conforme destaca Maria Aparecida da Silva, a biografia como fonte não é um retorno ao estudo dos grandes homens, pois o foco de análise deve ser o contexto social (SILVA, 2007, p.14). Sendo assim,

a proposta de análise documental do gênero biográfico demanda a releitura das biografias sob a perspectiva das ações coletivas, com o propósito de ampliar e de enriquecer as interpretações dos acontecimentos históricos. (SILVA, 2007, p.15)

Para Bourdieu a biografia é uma narrativa que se propõem construir um sentido para a existência de uma pessoa, estabelecendo uma seqüência de acontecimentos coerentes. (BOURDIEU, 1996, p. 75) Portanto, “tudo leva a supor que a história de vida mais se aproxima do modelo oficial da apresentação oficial de si” (BOURDIEU, 1996, p. 80). Sendo assim, a construção de uma trajetória está relacionada às relações nas quais o agente se vincula a outros agentes. É necessário observar o que está em jogo na construção da narrativa.

Assim, é fundamental analisar como as narrativas sobre os heróis nacionais e as instituições armadas (guerrilha, forças armadas, polícia militar) tende a adotarem como modelo a masculinidade hegemônica. Os valores e as características que identificam os heróis nacionais e essas instituições são percebidos nas construções simbólicas, que são adaptadas as necessidades apresentadas pelo presente e tendem a reproduzir um ideal de masculinidade.

Ao realizar uma revisão da literatura sobre os estudos dos homens, o pesquisador Fernando Fernández-Llebrez (2004), apresenta uma reflexão sobre o conceito de masculinidade, apropriando-se da análise da antropóloga R. Connel, Organização social da masculinidade, e do historiador G. Mosse, A imagem do homem. E conclui que a masculinidade e a virilidade são construções relacionais, cujos significados existem em relação ao tempo, ao espaço e ao feminino (FERNÁNDEZ-LLEBREZ, 2004). Portanto, para ele,

(...)la masculinidad es una construcción social definida por los contextos en los que se desarrolla. El conocimiento de las masculinidades está vinculado con los procesos históricos en los que éstas se despliegan. Lo ha hecho en el pasado y lo puede seguir haciendo en el futuro. No hay nada natural, ni social, que determine que los hombres ni las mujeres tengan que ser de una manera específica. (FERNÁNDEZ-LLEBREZ, 2004, p. 22)

Considerando que as feminilidades e as masculinidades, na moderna ocidental são construções relacionais e duais, as ideias de controle e o descontrole, citados por Fernando Fernández-Llebrez (2004), são construções dos séculos XVIII e XIX, que marcam a primeira dicotomia na definição de ideais de masculinidade e de feminilidade na sociedade moderna. A segunda dicotomia é a passividade e atividade, que definem o espaço e a atuação do feminino e do masculino no espaço social. E a terceira dicotomia legitima o verdadeiro masculino e feminino, do não verdadeiro, a heterossexualidade e a homossexualidade. A perda de virilidade e da feminilidade é marcada pela homossexualidade. (FERNÁNDEZ-LLEBREZ, 2004, p. 22) Porém, as identidades contemporâneas são plurais e transversais, e contradizem essas dicotomias que se estabeleceram com os Estados Nacionais.

Portanto, para analisar a construção da identidade nacional em Cuba, no final da década de 1960, tendo como foco central a masculinidade revolucionária, será utilizado

o conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (2005). Vale indicar que para o autor “todas as comunidades maiores que as aldeias primordiais onde havia contacto cara a cara (...) são imaginadas” (ANDERSON, 2005, p. 26). As construções discursivas – monumentos, cerimônias, símbolos, língua, história, memória, texto – ordenam e constroem uma homogeneidade nas comunidades imaginadas, que ocultam a heterogeneidade e as contradições existentes na coletividade. Entre os discursos construtores das comunidades imaginadas estão as referências simbólicas que são partes dos seus “imaginários sociais”, pois conforme Bronislaw Baczko, é “através dos imaginários sociais [que], uma coletividade designa a sua identidade (...)”. (BACZKO, 1985, p. 309) Portanto, os heróis são parte do imaginário social de uma nação, e historicamente estão vinculados as armas e as guerras.

Essa herança cultural masculina viril, vinculada ao espaço da guerra, norteia a construção dos novos símbolos, e o aparato simbólico construído pelo Estado e por suas instituições de poder tende a reafirmar o masculino enquanto poder dominante na esfera pública. Os heróis e as instituições militares ganham destaque e são marcados por características identificadoras de uma masculinidade hegemônica. Para Raewyn Connell, a “masculinidade hegemônica” (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005; CONNELL, 2005; CONNELL, 1997) caracteriza-se pelas masculinidades militares, construídas ao longo do século XIX e do século XX, as quais orientam a edificação de ideais de hombridade nas sociedades ocidentais

Um modelo de masculinidade caracterizado por práticas, valores e relações que identificam um ideal de masculinidade, que varia em relação ao tempo e aos espaços sociais. A característica central do conceito de masculinidade hegemônica é a pluralidade de masculinidades e a hierarquia de gênero – estabelecida entre as masculinidades e entre um modelo de masculinidade (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005; CONNELL, 2005; CONNELL, 1997) e outro de feminilidade. Sendo assim, as relações que se estabelecem entre o modelo hegemônico de masculinidade, identificador das identidades nacionais, e as outras masculinidades e as feminilidades são caracterizadas pela subordinação e pela marginalização.

Esse modelo, pautado na virilidade como característica de uma masculinidade hegemônica é compartilhado pelas instituições armadas no Ocidente. Ao analisar os movimentos contra as ditaduras no Cone Sul a pesquisadora Cristina Wolff destaca que,

as organizações armadas usaram frequentemente a masculinidade como um argumento para a luta contra a ditadura. Orgulho, honra, ação (versus passividade), força e capacidade de suportar todos os tipos de desafios físicos e morais em nome de um ideal, são usados para descrever como um guerrilheiro deveria ser, e explicar a ação. (WOLFF, 2013, p. 461)

Portanto, um estudo da construção de um dos heróis da Revolução Cubana – o qual alcançou também o reconhecimento de herói em outros lugares da América Latina –, faz-se necessário ao considerar que esses símbolos orientam a construção

de masculinidades, subjetividades e políticas públicas.

Ao se construir uma biografia oficial, o Estado Cubano utiliza as fotografias como instrumentos de legitimação da narrativa, pois, conforme destaca Boris Kossoy a fotografia tem a pretensão de congelar um instante, que jamais será alcançado novamente, sendo assim, “toda fotografia é um resíduo do passado” (2001, p. 45), ou ao menos assim pode ser percebida. Além do mais, destaca o autor que

(...) toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

Sendo assim, é como criação de testemunho que serão analisadas as fotografias publicas na Revista Bohemia de 1967.

Voltando o olhar para a relação entre imagem e texto escrito, é fundamental focar nos detalhes. Conforme destaca Márcio Sonego, o olhar, a atitude, os gestos, os elementos que compõem a cena na qual está a pessoa fotografada expressam relações de poder (SÔNEGO, 2010, p. 119). Portanto, a fotografia é uma importante fonte para historiadores e para os estudos de política e gênero.

Vale destacar que, foi no final do século XX, que os historiadores descobriram as fontes fotográficas. O texto de Vania Carvalho, Solange Lima, Maria Cristina Carvalho e Tânia Rodrigues (1994), apresentam uma análise os usos da fotografia com fonte, até a década de 1990. Entre as dezenas de obras referenciadas pelas autoras destacamos o texto de Boris Kossoy, “Fotografia como fonte histórica”, publicado em 1980; e o dossiê da Revista Acervo (vol. 6, n. 1/2, jan. dez.), de 1993, são indicados como marcos nas reflexões sobre fotografia como fonte histórica, na produção acadêmica brasileira. (CARVALHO; LIMA; CARVALHO; RODRIGUES, 1994)

No ano de 1996, a pesquisadora Ana Maria Mauad, publicou o texto “Através da Imagem: fotografia e história – Interfaces”, o qual está entre os mais citados, entre os que abordam a temática. Para a pesquisadora,

a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar. Nesse sentido o corpus fotográfico pode ser organizado em função de um tema, tais como a morte, a criança, o casamento etc., ou em função das diferentes agências de produção da imagem que competem nos processos de produção de sentido social, entre as quais a família, o Estado, a imprensa e a publicidade. Em ambos os casos, a análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. (MAUAD, 1996, p. 82)

E para a utilização da fotografia como fonte, a autora propôs a utilização do método semiótico e estruturalista, que para Peter Burke, em sua obra “Testemunha Ocular”, publicada no Brasil, em 2004, é o melhor enfoque para os estudos de imagem,

pois preocupação do pesquisador é o uso das imagens como fontes para a História (BURKE, 2004). Porém, para o autor,

A fraqueza do enfoque estruturalista é a propensão de presumir que as imagens têm um significado, em que não existem ambigüidades, em que o quebra-cabeça tem uma solução única, (...). A fraqueza do enfoque pós-estruturalista é o inverso, a presunção de que qualquer significado atribuído a uma imagem é tão válido como qualquer outro. (BURKE, 2004, p. 222)

Além do mais, ele destaca que nos estudos de imagens é importante observar as inscrições que algumas imagens trazem, pois o objetivo desses textos escritos é direcionar a leitura do espectador (BURKE, 2004, p. 223). Portanto, texto e imagens constituem um discurso.

Nos esforços de compreender as imagens, P. Burke (2004) concorda com Maria Mauad (1996), que é uma tarefa que exigem um diálogo transdisciplinar, que recebeu a influência da sociologia, da história da arte, da antropologia, da filosofia, etc. Conforme destaca o autor, esse diálogo é enriquecido com as análises de gênero (BURKE, 2004, p. 226), e ao se focar no estudo dos significados em relação ao contexto, pois as visões dos contemporâneos da imagem e as entrelinhas permitem compreender o significado da imagem (BURKE, 2004, p. 236 -238). Além do mais, Clifford Geertz, destaca que o sentido de uma imagem é resultado das “experiências coletivas” (GEERTZ, 2006, p. 165), isto é da cultura. Portanto, o estudo das imagens é uma compreensão dos símbolos que produzem o cotidiano de seres humanos, isto é o contexto no qual foram produzidas. (GEERTZ, 2006, p. 179-181)

Portanto, não há uma receita ou um método certo para os estudos da história a partir de imagens. Sendo assim, a análise qualitativa da construção do herói Che, considerando a relação entre texto e imagens fotográficas, na construção de uma biografia fundadora do herói – a Revista Bohemia de 1967 –, é uma inovação nos estudos sobre o mito Che, bem como sobre as construções dos heróis nacionais, por se tratar de uma análise que se insere nos estudos de história política – na perspectiva de René Remond (2003) – e gênero – a partir de Joan Scott (1995), como categoria de análise –, focando na construção do mito Che, constituído um herói nacional e transnacional. Além do mais, a articulação entre história política e gênero, é fundamental para essa pesquisa que tem como ferramenta de análise a categoria gênero (SCOTT, 1995), a qual orientará leitura e interpretação dos discursos constituindo na relação textos/ imagens fotográficas.

Vale destacar que a fotografia de capa da Bohemia (1967), apresenta o Ernesto Che Guevara vestindo o uniforme do Exército Revolucionário Cubano, barba aparada, cabelo curto e penteado, com um olhar voltado para frente, mas não olha em direção da câmera, e com um leve sorriso. Essa construção transmite a idéia de que ele olha para o futuro e está feliz com a projeção desse futuro, bem como, ele pode ser compreendido como a própria encarnação desse futuro, ao ser reconhecido como o modelo do homem novo (Imagem – 1).

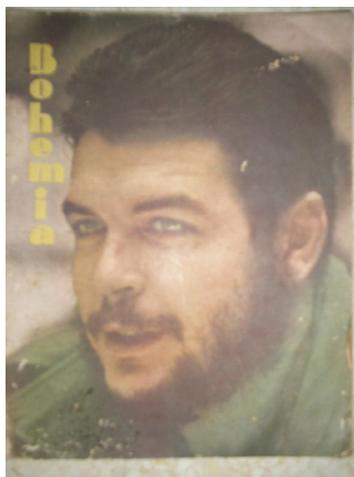


Imagem - 1

Fonte: Capa Revista Bohemia, outubro de 1967

Na fotografia de Alberto Korda (Imagem - 2), Ernesto Guevara está com o cabelo mais comprido e esvoaçante, barba feita, fisionomia séria e novamente com o olhar votado para frente. O rosto sério e o olhar distante causam um impacto nos observadores da fotografia, transmitindo uma impressão que ele vê o seu próprio futuro. A força presente no olhar do guerrilheiro Che, que olhar para o futuro, ainda atrai muitos olhares.

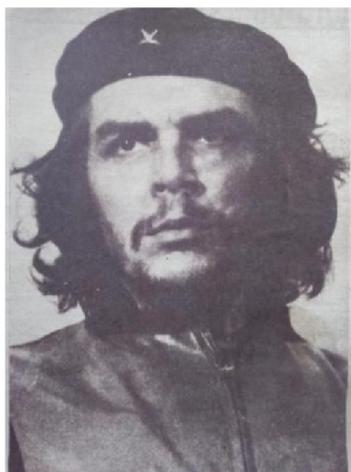


Imagem - 2

Fonte: Revista Bohemia, outubro de 1967, sup.15.

Comparando as duas imagens se percebe que os olhares são diferentes. O da primeira imagem é menos intenso, mais tranqüilo, e o segundo provoca do espectador uma inquietação difícil de expressar em palavras. Outros elementos importantes nas duas imagens são os símbolos identificadores de masculinidade a vestimenta militar-guerrilheira e a barba. Características que se tornaram símbolos e identificação do guerrilheiro latino-americano, bem como, de uma masculinidade de esquerda latino-americana, nas décadas que seguem, até o final do século XX.

A escolha da foto produzida por Alberto Korda para ser colocado atrás de Fidel

Castro, durante o seu discurso na cerimônia realizada na *Plaza de la Revolución*, no dia 18 de outubro de 1967, talvez seja explicada pelo efeito que a foto causa no observador. Além de apresentar os símbolos identificadores do guerrilheiro: o uniforme, a boina com a estrela e a barba.

Portanto, as fotografias e os textos selecionados pelos organizadores da Revista *Bohemia*, de outubro de 1967, são parte da construção de uma narrativa biográfica, que projeta um herói e símbolo da Revolução Cubana. E o primeiro texto, publicado é a carta que o Che deixou para Fidel Castro, antes de sair de Cuba. Vale destacar que o texto inicia-se com uma frase que foi selecionada do segundo parágrafo da carta: “...en una revolucion se triunfa o se muere...” (BOHEMIA, 1967, p.3). Observando as duas imagens selecionadas elas podem ser lidas como expressão do triunfo (Imagem 1) e da morte (Imagem 2). É essa relação entre triunfo e morte, passado e futuro, que os textos e fotografias construíram a biografia fundadora do mito Che. É a relação entre texto e fotografia, na construção da biografia fundadora do mito Che, que orientará a análise da revista *Bohemia*.

REFERÊNCIAS

- ALEGRIA, Juan E. **Hacia una poética de la imagen del Che: denotación y connotaciones em torno de la fotografía de Alberti Korda**. Revista de la Academia, vol. 24, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>, acesso em 13 de agosto de 2018.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo, Cia das Letras, 2011.
- ANDERSON, Jon Lee. **Che Guevara: uma biografia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- BACZKO, B. Imaginação social. In. Enciclopédia **Enaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, p. 309-310, p.309.
- BOHEMIA. **Bohemia**, ano 49, n. 42, 20 de outubro de 1967.
- BONINO, Luis. Masculinidad hegemônica e identidad masculina. **Dossiers feministes - Masculinitats: mites, de/construccions i mascarades**, n. 67, 2002, p. 07-36.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papiрус, 1996, 15.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papiрус, 1996.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CARVALHO, Vânia; LIMA, Solange [et all]. **Fotografia e história: ensaio bibliográfico**. Anais do Museu Paulista, v. 2, jan./dez., 1994, p. 253-300.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. V. 20 n.º 2, 2005, p. 185-206.

- CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). **Masculidad/es: Poder y Crisis**. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48. Disponível em: <http://www.pasa.cl/biblioteca/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connell_Robert.pdf>, acesso em 15/01/2009, p. 15-16.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. V. 20 n.º 2, 2005, p. 185-206.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**. Vol.19, 2005, <<http://gas.sagepub.com>>, CAPES acesso 27 de maio de 2009.
- COURBIN, Alain. **História da Virilidade** – O triunfo da virilidade – século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DOMINGUES, Juan de M. **Che Guevara**: a mídia como potencializadora do mito. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, PUC Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GUEVARA, Ernesto. O socialismo e o homem em Cuba. Semanário Marcha, Montevideo. março de 1965, disponível em: <<https://www.marxists.org>>
- GUEVARA, Ernesto. Una historia de la Revolución Cubana, Revista O Cruzeiro, 1959, disponível em: <<http://www.archivochile.com>>
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ILISÁSTIGUI, Margarita Avilés; ALVAREZ, Gladys Rosa Porro. Melba: mujer de todos los tiempos. La Habana: Ediciones Verde Olivo, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem**: fotografia e história – interfaces. Tempo, vol. 1, n. 2, 1996, p.73-98.
- OLAVARRÍA, J. A. Masculinidades y varones en Santiago de Chile. In: OLAVARRIA, J. A. **Hombres a la deriva?**: poder, trabalho y sexo. Santiago, Chile: FLASCO-Chile 2001, p. 11-38, p. 11-18. Disponível em: <<http://www.redmasculinidades.com>>. Acesso em: 20 ago 2010.
- RAMÍREZ CHICHARRO, Manuel. **Desde la clandestinidad**. Una historia oral de las mujeres cubanas que lucharon contra Batista (1952-1959), Ibero-Americana Pragensia Supplementum, n. 44, 2016, pp. 283-289. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acesso em: 15 de fev. 2019.
- REMOND, Rene. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SCHACTAE, Andréa. Mulheres Guerreiras: mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Célia Sanchez. In: MOREIRA, Rosemeri; SCHACTAE, Andréa (org.). **Gênero e instituições armadas**. Guarapuava, PR: Editora Unicentro, 2016, p. 189-215.
- SCHACTAE, Andréa. Mujeres guerreiras y lo(s) femenino(s) em las intituiciones armadas em Cuba y en Brasil en los años de 1970 y 1980. In: ARIAS GUEVARA, M.; TORRALBAS FERNÁNDEZ, A. PUPO VEGA, A. (Org.) **Rompiendo Silencios**. La Habana: Editorial Mujer, 2013, p. 343-358.
- SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, 1994, p. 11-27, p. 12.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Biografia como fonte histórica**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, n. 36/37, ano 20, p. 9-15, 2007.

SÔNEGO, Márcio J. F. **A fotografia como fonte histórica**. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais entre os sexos. In: SCHPUN, Mônica Raisal (org.) **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 107-128.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Resistência e gênero nos arquivos das ditaduras militares do Cone**. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 5, n.9, jan./jun. 2013. p. 451 – 471.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-425-2

